

Os mistérios da Economia

Num artigo do “Independente” o economista João Ferreira do Amaral lamentava-se de a Economia não ter ainda alcançado o estatuto científico da Física (segundo ele a Economia nem sequer é uma ciência). No entanto, são várias as relações entre a Física e a Economia. Basta referir o caso do físico Koopman, autor de um famoso teorema sobre o último nível ocupado de Hartree-Fock, que mudou de carreira e acabou por obter o Prémio Nobel da Economia. Ou do “papa da Economia” Keynes, que se interessou pela obra de Newton, tendo revelado a sua faceta alquímica. Ou ainda o desenvolvimento recente da Econofísica, que inclui, entre outros, o uso de técnicas da física estatística e da geometria fractal para analisar índices económicos.

Francisco Louçã, professor de Economia no Instituto Superior de Economia e Gestão, é talvez mais conhecido entre o público como deputado. Baseado em algumas ideias da sua tese de doutoramento (que está publicada no Reino Unido e nos Estados Unidos), o livro “Coisas da Mecânica Misteriosa” corresponde à sua lição de agregação. É um estudo sobre o pêndulo como metáfora e ferramenta em economia, desde o pêndulo regular de Newton e Huygens até ao pêndulo anarmónico, amortecido e forçado, que constitui



um exemplo de caos. O livro, bem escrito e documentado, não evita a matemática. Tem passagens deliciosas, como a história da entrada do pêndulo na vida do matemático Poisson: “Quando era muito pequeno, a sua ama, tendo tido que sair por uns instantes, decidiu deixá-lo pendurado pelas fraldas num prego da parede. Apanhada nessa inconveniência, alegou que se tratava de evitar que a criança ficasse exposta ao pó e às sujidades do chão; mais condescendente do que os seus pais, que acharam nisto motivo de despedimento, Poisson comentou à distância do tempo que tinha beneficiado da aventura, dado que esta tinha sido a sua primeira experiência profissional com um pêndulo”.

“Coisas da Mecânica Misteriosa. A Dinâmica dos Osciladores na Economia”

Francisco Louçã,
Edições Afrontamento, Porto, 2000.

Tempestades num copo de água

O que é uma tempestade magnética? Se o leitor não sabe, não é razão para se suicidar. Mas haverá alguma relação entre o campo magnético terrestre, quando é perturbado por erupções solares, e a taxa de suicídios? Bem, Isabel Ramos, na sua tese de mestrado em Psicologia Clínica do Desenvolvimento na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, estudou esta hipótese. O livro saiu agora na Quarteto, nova editora de Coimbra. Tem prefácio de Carlos Amaral Dias. A resposta é, até ver, negativa. O estudo concluiu pela ausência de correlação. Uma palavra de cautela metodológica é oportuna não apenas aqui mas, em geral, para os praticantes de Biometeorologia, a disciplina que estuda a influência das condições atmosféricas na saúde humana. Uma correlação não significa necessariamente uma relação de causa-efeito. Carl Sagan, em “O Mundo Infestado de Demónios”, dá-nos o sugestivo exemplo da correlação verificada entre homossexualidade e instrução superior, mas

advertir: não se pode concluir que a “instrução torne as pessoas homossexuais”.

C. F.

“Suicídios e Tempestades Magnéticas – Que relação?”

Susana Isabel Ramos,
Quarteto, Coimbra, 2000.



Obras editadas

Damos a seguir conta de mais algumas obras de Física, e ciência e educação editadas recentemente entre nós. Agradecemos o envio pelos editores.

- “Aprendizagem pela Acção”, 2 vols, Robert Germinet, Instituto Piaget, 1999 (prefácio e posfácio de Georges Charpak e Leon Lederman).
- “Avaliando para Melhorar a Aprendizagem”, Jorge Valadares e Margarida Graça, Plátano, 1998.
- “Campos e Ondas Electromagnéticas”, Paul Lorrain, Dale Corson e François Lorrain, Fundação Gulbenkian, 2000.
- “História Aparentemente Simples da Ciência e das Invenções”, John Farman, Replicação, 1999.
- “O Futuro Tecnológico”, Manuel Mira Godinho e João Caraça (orgs.), Celta, 1999.
- “Princípios de Electrónica”, volume 1, Albert Malvino, McGraw-Hill, 2000.
- “Viagens no Futuro”, Nicolas Prantzou, Instituto Piaget, 1999.